

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA INCLUSÃO PEDAGÓGICA DA CRIANÇA COM TEA

Juliana de Jesus Souza (UNEB)

July.ba2009@hotmail.com

Rosemary Lapa de Oliveira (UNEB)

Rosy.lapa@gmail.com

Resumo

O presente artigo, é fruto de uma pesquisa de mestrado, dentro do GPELCH (Grupo de Leitura e Contação de História), que tem por objetivo geral a) Estudar o papel da Contação de História (CH) na inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), e conta com os seguintes objetivos específicos a) Discutir as teorias que tratam sobre TEA e Contação de História; b) Estudar o processo de inclusão da criança com TEA mediante a CH; c) Investigar como as crianças com TEA interagem nas sessões de CH. A metodologia utilizada foi de natureza qualitativa e método pesquisa-ação, que propõe um projeto de intervenção com sessões de CH. Para embasamento teórico, foram trazidos para o diálogo autores para abordar a contação de histórias, inclusão, além da lei 12.764 e associações para falar sobre o Transtorno do Espectro Autista. A pesquisa encontra-se em andamento e revela a importância da contação de histórias como uma ferramenta no desenvolvimento de crianças com TEA.

Palavras-chave: TEA. Criança. Contação de História.

INTRODUÇÃO

O termo autismo, apareceu pela primeira vez com o psiquiatra Eugen Bleuler, em 1911, para designar crianças que possuíam um grau avançado de dificuldade para interagir com as demais. Bleuler estudava seus pacientes que possuíam esquizofrenia, para melhor tentar entendê-los. Ele caracterizava o autismo não como conhecemos atualmente, e sim como um distúrbio na consciência, na qual o indivíduo se dispersa parcialmente ou totalmente da realidade.

Em 1933, Potter diagnosticou a esquizofrenia infantil, já que ainda não se falava de autismo de forma específica. Esse diagnóstico envolvia : retração generalizada de interesses e do ambiente; pensamentos, ações e sensações desagregadas; comprometimento do pensamento, manifesto por bloqueios, simbolismos, condensação, perseveração e incoerência; defeitos dos relacionamentos emocionais; diminuição, rigidez e distorção do afeto; alteração com comportamento, podendo incluir tanto aumento de mobilidade, com atividade incessante, até diminuição da mobilidade, com completa imobilidade e comportamento bizarro, com tendência a perseveração e a estereotípias.

Ao longo da sua historicidade, o autismo recebeu uma série de denominações. É perceptível que nenhuma outra doença já descrita tenha causado tantas confusões e incertezas como esta. Atualmente os autistas ainda são caracterizados de diversas formas, a maioria de forma pejorativa. Por isso, no Brasil, através da Associação Brasileira de Autismo, fundada em 8 de agosto de 1983, passou a serem criadas e elaboradas políticas públicas em prol das pessoas com autismo.

Em 2012, foi promulgada a lei 12.764, que institui a Política de Proteção dos Direitos da Pessoa com TEA, ampliando o conceito legalizado para as pessoas com esse transtorno, e estendendo seus direitos legais a serem atendidos. Dentre esses direitos, está o acesso à educação e atendimento multiprofissional, a vida digna e o livre desenvolvimento da personalidade. Dessa forma, as políticas públicas são tão importantes como ações pedagógicas no auxílio do desenvolvimento da criança com TEA.

A partir do entendimento do que é Transtorno do Espectro Autista e sua importância, será realizada uma breve reflexão da influência que a contação de histórias e a leitura têm na vida dos alunos com TEA, com o objetivo de promover a inclusão, ajudar na comunicação, interação social e desenvolvimento cognitivo.

Muitas pesquisas têm sido desenvolvidas sobre o Transtorno do Espectro Autista. Segundo a American Psychiatric Association (2016), o comportamento das crianças com TEA pode variar de acordo com o grau. Em se tratando do grau leve no Transtorno no Espectro Autista, é possível utilizar a contação de histórias para prender a atenção das crianças, pois muitas que estão dentro desse espectro possuem fixações, voltando sua atenção para coisas específicas, como ressalta o autor acima. Aliado a isso, a contação de história pode ser encarada de forma terapêutica, sendo muito eficaz para crianças com TEA. Para isso, ao contar uma história, é preciso ter amor e prazer- pois, quando bem contada uma história deixa marcas no ouvinte. Sisto (2013) confirma essa premissa dizendo:

Mas duvido que uma história bem contada não produza ecos no ouvinte! Ecos que se prolongam para além do momento do narrado. Essas marcas, visíveis e invisíveis, nem sempre se pode perceber no calor da hora. Quem ouve uma história quer sempre ser atingido, de alguma forma, quer ser atingido. Quem conta, quer igualmente experimentar o poder da palavra (não sejamos hipócritas!), o poder do encantamento e o poder do vice-versa: marcar e ser marcado! (SISTO, 2013, p. 02).

O trecho acima ressalta que toda história deixa marcas, tanto para quem ouve como para quem lê. Dessa forma, contar uma história exige um longo processo, com preparos, estudos, pesquisas, dinâmica e ensaio. O primeiro contato que as crianças possuem com a leitura é ao ouvir uma história. Portanto, quanto mais histórias são contadas para uma criança mais ela irá se interessar pela leitura. Para tanto, é preciso que o adulto esteja envolvido ao fazer as leituras, com o intuito de mexer com a imaginação das crianças, deixando-as encantadas e ajudando-as a compreender melhor o seu mundo e o seu eu. Partindo desse pressuposto, de que forma a CH pode contribuir na inclusão pedagógica da criança com TEA?

Para discutir essa problemática, este artigo propõe fazer uma abordagem sobre o Transtorno do Espectro Autista, e para isso, tem como objetivo geral compreender o papel da CH na inclusão pedagógica de crianças com TEA, e através de objetivos específicos, busca pesquisar as teorias que tratam do TEA e CH e Estudar o processo de inclusão da criança com TEA mediante a CH. Logo, o interesse nessa temática surge da necessidade de ajudar no desenvolvimento de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Por meio de pesquisas primárias serão utilizados como embasamento teórico autores, como: Queiroz (2017), Silva (2011), Silva (2016), Carvalho (2015), entre outros.

METODOLOGIA

A pesquisa é de natureza qualitativa e utilizou como método a pesquisa-ação. A pesquisa de abordagem qualitativa é essencial quando o pesquisador parte de um marco teórico e entra em confronto com a realidade. Isso possibilita que a pesquisa seja desenvolvida a partir de desafios que vão surgindo ao longo do caminho (SEVERINO, 2007). O pesquisador, através da sua criticidade irá trabalhar a partir das teorias estudadas e analisar de que forma pode construir ações em uma dada realidade. A pesquisa foi realizada em uma escola municipal, na região metropolitana da capital Baiana, em uma turma de 1º ano do Ensino Fundamental I, que continha 21 alunos, sendo 2 crianças diagnosticadas com TEA leve.

RESULTADOS PARCIAIS/FINAIS

Atualmente, tem-se a compreensão de que o TEA não é uma doença e sim um transtorno que apresenta alterações na comunicação e comportamento

dos indivíduos, com diferentes graus, que vai do leve ao severo. As principais condições afetadas por esse transtorno é a interação social e comunicação; comportamentos repetitivos e estereotipados; e restrição de interesses e atividades. (ASSOCIAÇÃO MATENEDORA PANDORGA, 2016). Espera-se alcançar com essa pesquisa de mestrado um maior entendimento sobre as contribuições da contação de histórias, para a inclusão de crianças com TEA.

A CH é uma ferramenta essencial na infância, especialmente para crianças que necessitam aprender com mais ludicidade e movimento, através dela as crianças transitam em outros espaços que lhe são alheios e podem mergulhar em outras culturas, sociedades e costumes. O trabalho através de algo que a criança gosta possibilita uma atenção e participação maior da mesma, e interação com as demais. Dessa forma, ao preparar e contar uma história com sabedoria e emoção despertará na criança curiosidade, desejo e imaginação.

Quanto aos professores contadores de histórias, é necessário dedicação e sobretudo conhecer o mundo no qual as crianças estão inseridas e as coisas que estão ao seu redor, pois as histórias precisam seduzir as crianças, ou seja, elas precisam ter interesse em ouvi-las. Por isso, Dohme (2003), afirma:

Temos de pesquisar, ler literatura especializada, feita para elas, conhecer seus heróis, sejam eles pertencentes aos desenhos animados ou histórias em quadrinhos, assistir a filmes, conhecer suas brincadeiras e preferências. É só desta forma que saberemos escolher, dentro de um repertório conhecido, qual história se adapta aquele comportamento que desejamos (ou precisamos) abordar (DOHME,2003, p.19).

As histórias aumentam as possibilidades do relacionamento social das crianças. Todo indivíduo possui uma história, ou várias, em sendo assim, faz parte do ser humano construir, desconstruir e reconstruir ao longo da vida. Dessa forma, as histórias tornam-se a essência das pessoas.

Algumas buscas foram realizadas acerca da formação leitora dos indivíduos diagnosticados com TEA. Para isso, algumas pesquisas fruto de dissertações foram reunidas em relação a leitura e ao TEA. Dentro dessas pesquisas, consta-se a da autora Lara Queiroz (2017), que em sua dissertação, tem como objetivo principal identificar de que forma a Contação de histórias pode influenciar no comportamento verbal e a qualidade na interação de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A pesquisa foi defendida na Universidade de Brasília, e contou com a participação de duas crianças de sete anos diagnosticadas com TEA. Este estudo investigou os efeitos de uma

adaptação da leitura dialógica no comportamento verbal sob controle da narrativa em crianças com TEA, a partir de um procedimento com delineamento de sujeito único. Os resultados mostraram aumento nas respostas independentes diante de perguntas que foram realizadas e aumento nas iniciações verbais para uma das crianças.

Silva (2011), em sua pesquisa, defendida na Universidade Beira Mar, teve como objetivo estudar as possibilidades que crianças autistas tinham para desenvolver a leitura e escrita, investigando as causas que impossibilitassem as dificuldades na aquisição. A pesquisa conta com aplicação de vários métodos de leitura e escrita.

Silva (2016), defendeu sua pesquisa na Universidade Federal de Paraíba, e teve como foco principal pesquisar a praticidade do lúdico no processo de leitura em crianças com Transtorno do Espectro Autistas (TEA). O trabalho contou com a participação de uma criança de dez anos de idade, diagnosticada com TEA. Para a coleta de dados foi utilizada observação, provas de avaliação, entrevista e atividades, de forma qualitativa. Os dados levaram à conclusão de que o lúdico na educação da criança com TEA é extremamente relevante para o sucesso da aprendizagem significativa.

Carvalho (2015), realizou uma pesquisa monográfica, que teve como objetivo compreender como a aquisição da linguagem escrita acontece no indivíduo com autismo e em que medida incide no seu desenvolvimento cognitivo e social. Defendendo seu trabalho na Universidade Federal do Maranhão, buscou referências bibliográficas para aprofundar a temática, e contou com um estudo de caso, no qual foram realizadas análises a partir de uma abordagem discursiva. Os resultados apontaram que a criança autista possui condições reais de se apropriar da escrita. Contudo, os métodos utilizados para o ensino têm se concentrado na perspectiva do objetivismo abstrato, pois o modo de instrução limita-se à gramática normativa, o que não corrobora para se expandir o discurso do autista.

Sampaio e Oliveira (2017), através de estudos bibliográficos, objetivaram discutir as características comuns em crianças autistas, identificando as suas potencialidades e as suas necessidades especiais, no que tange à leitura e escrita. Os resultados demonstraram que as crianças autistas precisam muito do afeto e da atenção constante dos pais, para se desenvolverem de maneira saudável, vencendo os obstáculos necessários para o seu progresso cognitivo, social e intelectual. Verificou-se também a grande importância de que o diagnóstico seja dado o mais rapidamente possível, para que todas as necessidades especiais do aluno possam ser supridas no tempo adequado, com a ajuda dos profissionais indicados.

As pesquisas realizadas têm em comum a necessidade de descobrir as dificuldades que a pessoa com TEA têm na aprendizagem para depois analisar de que forma a leitura pode contribuir para diminuir essas dificuldades através de ações que envolvam a leitura e a contação de histórias.

De acordo com Martins e Maluf (2013), a leitura exige um conjunto de capacidades, entre elas: a atenção, memória de trabalho, conhecimento lexical da gramática da língua, raciocínio, entre outros. Essas capacidades juntas serão agregadas a outras funções, dando origem por exemplo à linguagem oral. Dessa forma, a dificuldade de leitura, geralmente, está associada a não identificação da pronúncia e o significado das palavras.

As capacidades cognitivas relacionadas à leitura possuem uma grande relação, por isso é essencial uma ligação entre ambos. De acordo com Martins e Maluf (2013), a aprendizagem da leitura depende muito do que é lido e a quantidade. Partindo dessas duas premissas, o sistema cognitivo se apresenta responsável pela aprendizagem, raciocínio, pensamento, tomada de decisões e resolução de inúmeros problemas. E como afirma o autor acima, a leitura está ligada a esses pontos, já que envolve esses processos. Para tanto, é importante considerar também que qualidade e quantidade também influenciam no processo de leitura.

A pesquisa em fontes primária revela que pouco se tem abordado essa perspectiva, o que só ampara a importância desta pesquisa para a comunidade acadêmica, nas pesquisas sobre TEA e Contação de Histórias, e para a sociedade de modo geral, proporcionando mais conhecimento sobre essa condição que acomete algumas pessoas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente recorte, oriundo de pesquisa de mestrado encontra-se em andamento, e tem o papel de apresentar o Transtorno do Espectro Autista e as contribuições que a CH pode trazer para o desenvolvimento das crianças dentro do espectro autista. A Criança com TEA deve ser enxergada como qualquer outra que não possua essa condição, pois a criança antecede o transtorno.

A inclusão das crianças com TEA, deve ser feita por todas as escolas, pois além de ser garantido por lei, é também uma questão social e de inclusão. Essas crianças que muitas vezes são segregadas e sofrem com uma falsa inclusão por não terem professores

qualificados ou um olhar sensível da instituição que podem acolhê-los, precisam de fato ser incluídas para que façam parte da sociedade em diversos setores, sejam econômicos, políticos e culturais. Nesse sentido, a CH surge como uma prática pedagógica, que o docente pode utilizar para contribuir com a inclusão da criança com TEA.

REFERÊNCIAS

- AMERICAN PSYCHITRIC ASSOCIATION. **O que é o transtorno do espectro autista?** Disponível em: <https://www.psychiatry.org/patients-families/autism/what-is-autism-spectrum-disorder> Acesso em: 25 set. 2017.
- ASSOCIAÇÃO MANTENEDORA PANDORGA. **Autismo: um guia para a equipe escolar.** Cadernos Pandorga de Autismo. 5. ed. São Leopoldo, 2014. 72p
- BRASIL. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. **Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista.** Presidência da República, Brasília, DF, 27 dez. 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112764.htm. Acesso em: 10 jan. 2019.
- CARVALHO, Chayene. *Linguagem escrita e autismo: um estudo de caso em uma sala de aula regular em São Luís – MA.* In: XII Congresso Nacional de Educação, 2015, Paraná. *Anais eletrônicos* [ISSN 2176-1396]. Paraná: PUCPR, 2015. Disponível em: http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/16799_9865.pdf. Acesso em: 10 jan. 2019.
- DOHME, Vania. *Técnicas de Contar Histórias.* São Paulo: Informal, 2003.
- MALUF, Maria Regina; MARTINS, Claudia Cardoso. **Alfabetização no Século XXI: como se aprende a ler e a escrever.** Brasil: Penso. 2013, p.51-67.
- QUEIROZ, Lara. **Leitura dialógica: efeitos no desenvolvimento de comportamento verbal em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA),** Brasília, 2017. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/22981/1/2017_LaraRodriguesQueiroz.pdf. Acesso em: 26 ago. 2018.
- SAMPAIO, Caroline; OLIVEIRA, Gislene. **O desafio da leitura e da escrita em crianças com perturbação do espectro do autismo.** *Id on Line Revista Multidisciplinar e de Psicologia*, Julho de 2017, vol.11, n.36, p.343-362. ISSN: 1981-1179. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/796>. Acesso em: 10 jan. 2019.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico.** 23. ed. rev. atual. São Paulo: Cortez, 2007.
- SILVA, Luciana. **O lúdico como caminho facilitador para a leitura de crianças autistas.** 2016. João Pessoa: UFPA, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/2693/1/LSS28112016.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2019.

SILVA, Maria. **Aprendizagem da Leitura e da Escrita em Crianças com Perturbação do Espectro do Autismo: Propostas Pedagógicas.** 2011. 110f. Dissertação (Mestrado em Estudos Culturais, Didáticos, Linguísticos e Literários) – Universidade da Beira Interior Artes e Letras, Covilhã, 2011. Disponível em: https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/2112/1/Concei%C3%A7%C3%A3o%20Silva_Disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf. Acesso em: 10 jan. 2019.

SISTO, Celso. Contar histórias, uma arte maior. In: MEDEIROS, Fábio; MORAES, Taiza Mara (orgs.). **Memorial do Proler:** Joinville e resumos do Seminário de Estudos da Linguagem. Joinville, UNIVILLE, 2007.